

Turismo, cultura e lazer: significado e usos sociais do Parque do Museu Mariano Procópio

Euler David de Siqueira

Doutor em Sociologia (UFRJ), professor adjunto da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Monalisa Alves Barbosa

Bacharel em Turismo pela UFJF

Virgílio César da Silva e Oliveira

Doutorando em Administração na Universidade Federal de Lavras.

INTRODUÇÃO

Quando pensa-se em lazer e, mais precisamente, em espaços de lazer na atualidade, é preciso pensar em todo o contexto que envolve tal atividade. O lazer é, assim como o turismo, uma construção social, mediada por lógicas culturais distintas e também um fato histórico.

A Revolução Industrial foi responsável pela separação dos espaços – espaço do trabalho, espaço da família, espaço do lazer. Somente após a Revolução Industrial, que instaurou um *ethos* (GEERTZ, 1978) do trabalho e dividiu o mundo entre o campo do trabalho e o tempo do não-trabalho, o lazer emerge como algo bastante significativo na vida das pessoas. Desde então, o lazer ampliou-se e cresceu de valor, achando-se em plena expansão. Segundo Gustavo Luis Gutierrez (2000) não se pode dizer que o lazer, como objeto de estudo, esteja ressurgindo no cenário contemporâneo. O que acontece é que sua importância cresce a olhos vistos e o lazer pode vir a ocupar o centro das preocupações de muitos pesquisadores das ciências humanas. Os espaços de lazer tornam-se cada vez mais numerosos e são cada vez mais procurados por todas as camadas da população. À medida em que o campo do trabalho produtivo de mais-valia se esvazia de sentidos e significados, cresce, portanto, uma esfera onde os sujeitos podem, de muitas formas, expressar-se fora de uma relação de expropriação marcada pelas relações de trabalho.

A vida urbana nas grandes metrópoles com todas as suas conseqüências é apontada em grande parte como um dos elementos responsáveis pela busca ou pelo contato com aquilo que se pode chamar de “natureza”. Nesse sentido, a busca pelo contato com os ditos espaços de lazer enseja uma busca às origens ou simplesmente o desejo de se ter num mundo tão conturbado, agitado e controlado, alguns minutos de tranqüilidade e desligamento das inúmeras obrigações a que estamos sujeitos no dia a dia das cidades. E é esta tranqüilidade e distância do espaço urbano mais acelerado que, a princípio, parecem levar a maioria dos usuários ao Parque do Museu Mariano Procópio, uma área verde em Juiz de Fora que possibilita a fruição do lazer, a realização de caminhadas, corridas, ioga e esportes; além de ser um ambiente que proporciona algum tipo de descanso às pessoas. O contato com essa área verde, no centro da cidade, parece proporcionar a muitas pessoas bem-estar e energia para voltar à vida “lá fora”, na cidade.

O Parque reúne dentro de um pequeno espaço pessoas dos mais diferentes níveis sociais e etários. Congrega também indivíduos de diferentes partes da cidade. Idosos, adolescentes, crianças, casais de namorados, grupos de estudantes, cada um visita o Parque com uma finalidade, e é isto que este trabalho irá buscar: identificar o motivo de tais pessoas irem constantemente ao Parque e o significado desta visita a este lugar. Serão levados em consideração o Parque, as comunidades e os usos que desenvolvem ali, os tipos de visitantes que ele acolhe, o processo de visitação. Assim, pretende-se identificar a estrutura simbólica existente neste ambiente, procurando, portanto, estudar esta cultura

seguindo a orientação de Geertz: “Estudar a cultura é portanto estudar um código de símbolos partilhados pelos membros dessa cultura”(GEERTZ, 1978, p.64). Para o autor, “o homem é um animal amarrado às teias de significados que ele mesmo teceu, assumindo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado” (Ibid). Serão analisados o comportamento e o discurso das pessoas que freqüentam o Parque e, por meio desse fluxo de comportamentos, que Geertz chama de ação social, pretende-se encontrar articulações com as formas culturais. Será traçada a curva do discurso social. Ou melhor, ele será anotado e descrito de forma densa. O significado será buscado na narrativa dos freqüentadores do Parque. Ou seja, pretende-se atingir o objetivo de Geertz: “tirar grandes conclusões a partir de fatos pequenos, mas densamente entrelaçados; apoiar amplas afirmativas sobre o papel da cultura na construção da vida coletiva empenhando-se exatamente em especificações complexas” (Id, p.38).

Perceber o parque do museu Mariano Procópio implica estar diante de códigos ou lógicas simbólicas e classificatórias muito distintas. Visões plurais e múltiplas se cruzam e entrecruzam. A ordem social, marcada pela diferença, é negociada nesses espaços podendo, inclusive, emergir o conflito diante da forma desconstruída com que os sujeitos, ocupando posições distintas em uma estrutura social e portadores de interesses distintos, percebem o mundo (VELHO, 1978). Conhecer os sentidos e significados construídos em torno do parque do museu Mariano Procópio é, antes de tudo, lançar mão de uma noção de cultura, semiótica (GEERTZ, 1978), capaz de por em relevo aspectos que normalmente não são vistos ou identificados pelas pesquisas mais qualitativas.

A metodologia utilizada para realização desse trabalho implica uma pesquisa de cunho qualitativo viabilizada por meio de observação participante e entrevistas semi-estruturadas feitas a respeito do significado do Parque do Museu Mariano Procópio. Para realização deste trabalho utilizamos referenciais da antropologia e recorreremos ao uso do diário de campo. Foram adotadas, para todos os fins, uma amostra não-probabilística por julgamento, ou seja, foram entrevistadas pessoas que poderiam fornecer informações importantes à realização do trabalho.

TURISMO, CULTURA E LAZER

O desenvolvimento do turismo, assim como o do lazer, está relacionado a vários fatores, tais como o processo de urbanização, a deterioração da qualidade de vida nos grandes centros urbanos, o aumento e a valorização do tempo livre, o aumento da renda, o desenvolvimento da infra-estrutura de transportes e serviços, além do avanço tecnológico dos meios de comunicação. O desejo de “fuga” ou abandono momentâneo da metrópole seria, para Jost Krippendorf (2003), a única razão de ser do turismo de hoje. O autor acredita que “o universo industrial é percebido como uma prisão que incita à evasão”

(Id, p.47). Hoje o mundo inteiro experimenta, diferenciadamente, os efeitos diversificados do turismo e este cada vez mais vem ganhando espaço e fazendo parte da vida das pessoas. Para o mesmo autor:

(...) o turismo é uma válvula de escape que permite o relaxamento das tensões, a orientação das vias socialmente inofensivas e das esperanças não realizadas. O lazer é uma droga aprovada pela sociedade, um analgésico que dá a ilusão de uma melhora passageira, mas que não pode curar a doença em si (Id, p.46).

Esses pequenos instantes parecem ter-se tornados uma necessidade na vida das pessoas, o momento de liberdade, de superação das expectativas, de vivência de um imaginário construído a respeito de determinado lugar. Eles são essenciais para que o ser humano sobreviva em meio à vida imposta pelo universo industrial. Essas características levam as pessoas à busca constante pelo lazer, tendo como expectativa a vivência de relações humanas que o cotidiano não permite, ou quando o faz, são relações basicamente superficiais. O Parque do Museu Mariano Procópio, acredita-se, permite que as pessoas vivenciem o lazer e resgatem essas relações não só com o outro, mas consigo mesmas. O turismo e, mais precisamente, o lazer, são constituintes poderosos do imaginário coletivo. Afinal, estão em jogo idéias como a fruição do lazer, o conhecimento, a socialização e o revigoramento físico. Segundo Gisele Maria Schwartz “(...) as atividades lúdicas de modo geral e o lazer, por suas características estreitamente relacionadas com os elementos de liberdade e prazer, tendem a ser ora menosprezadas, ora extremamente valorizadas” (SCHWARTZ *apud* BRUHNS, 2000, p.91).

Definir turismo não é uma tarefa fácil, uma vez que o mesmo constitui-se num fenômeno ainda pouco estudado, apesar da importância que possui em nossos dias. Segundo Marutschuka Moesch, o turismo:

(...) é uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. O somatório desta dinâmica sociocultural gera um fenômeno, recheado de objetividade/ subjetividade, consumido por milhões de pessoas, em síntese: o produto turístico (MOESCH, 2002, p.9).

Milhões de pessoas consomem o produto turístico, o que coloca de imediato a importância que o fenômeno assume na vida de grande parcela da população mundial. A sociedade de consumo criou a necessidade do turismo e de vivência do lazer, fenômenos sem os quais não se imagina a sociedade de hoje. Sob o enfoque psicológico, Érick Cohen define turismo como “(...) uma atividade que sugere uma saída, algo diferente, estranho, fora do comum, uma experiência de vida do viajante. A quebra da rotina pode funcionar como um estímulo para a volta da rotina ou, como liberar de inibições inculcadas pelo

cotidiano” (COHEN, s/d). Essa fuga do cotidiano é também importante para Joffre Dumazedier que define o lazer como oposição ao conjunto de necessidades e obrigações da vida cotidiana. O autor salienta que ele “só é praticado e compreendido pelas pessoas que o praticam dentro de uma dialética da vida cotidiana, na qual todos os elementos se interligam e reagem uns sobre os outros” (DUMAZEDIER, 1973, p.32).

Segundo Alessandro Eugenio Pereira (2003) em seu artigo “Trabalho, tempo livre e lazer na sociedade contemporânea”, o que Dumazedier faz é valorizar a categoria “tempo” em detrimento de aspectos tais como a experiência vivida, a expectativa, a satisfação, a motivação, entre outros. Para ele, Dumazedier não considera a importância de se avaliar as atitudes e experiências dos indivíduos com relação ao lazer, conceituando lazer como uma atividade que se estabelece em oposição ao trabalho, às obrigações e às necessidades físicas dos indivíduos. Dumazedier procura situar o lazer no conjunto de atribuições e tarefas do tempo livre. Baudrillard, assim como Dumazedier, busca discutir o lazer relacionando-o ao tempo. Enquanto Krippendorf relaciona este a uma necessidade, Baudrillard o entende como consumo do tempo, sendo para algumas pessoas de utilidade e para outras apenas desperdício de tempo. Esse autor também entende o lazer como um objeto que cria valores determinados, status e conseqüentemente distinção. Segundo ele “(...) o lazer é vinculado ao ‘consumo de tempo improdutivo’, reduzindo a problemática do lazer à ‘lógica da distinção’, particularizada por uma troca social de sinais e suporte material de significações, numa realização de valores sociais distintos” (BAUDRILLARD apud BRUHNS, 2000, p.15).

BREVE HISTÓRICO DO MUSEU

O Museu Mariano Procópio ¹ foi fundado sob a idéia da construção de uma identidade nacional branca, laica, racional e européia, sobrevivendo como patrimônio e como discurso. Destacando, segundo Neves (2004), as elites como grandes atores da sociedade brasileira e relegando a segundo plano a história dos outros grupos que constituíram a sociedade brasileira.

O Museu Mariano Procópio faz parte da oferta turística da cidade de Juiz de Fora, destacando-se como um dos atrativos mais significativos. A relação da sociedade juizforana com o museu foi estudada através de uma pesquisa de campo por Sandro Campos Neves em 2004. O autor acredita que essa relação de desinteresse, de falta de identificação da sociedade com o museu é conseqüência da estrutura do Estado e de sua função política. O Estado, ao selecionar o que seria considerado patrimônio histórico nacional, destacou o papel das elites na construção da história e ocultou certos grupos e conflitos, causando o problema de identidade citado acima. Segundo Sandro Neves “(...) acredita-se que esse problema tem diversos reflexos não só no campo do patrimônio como no próprio campo da cultura e da memória” (Op. Cit., p.16).

O acervo do museu é constituído por cerca de 45 mil objetos, dentre eles

pinturas, esculturas, gravuras, desenhos, livros raros, documentos, fotografias, mobiliário, prataria, armaria, numismática, cartofilia, indumentária, porcelanas, cristais e peças de História Natural. O Parque também faz parte do acervo do Museu Mariano Procópio e está localizado no Centro de Juiz de Fora. Sua formação vegetal foi iniciada em um projeto paisagístico, realizado por volta de 1860, incrustado numa área de Mata Atlântica. O parque hoje possui mais de dois terços de sua área total cobertos por uma vegetação arbórea, onde são encontradas espécies de importância como o jatobá, o pinheiro-do-paraná, a sapucaia, a braúna, o cedro, a paineira. Há também áreas ajardinadas, lago com peixes, patos, marrecos, cisnes e cágados, além de ilhas com macacos. Papagaios, tucanos, jacus, jabutis e cervos podem ser observados em cativeiro, além de várias espécies de aves. O Parque do Museu Mariano Procópio valoriza em seus jardins a flora exótica brasileira. Trata-se de uma área propícia para o lazer, para o convívio com a natureza e à realização de caminhadas e outras atividades físicas em suas trilhas.

Parte da vida colonial brasileira e do período imperial integram o acervo do primeiro museu de Minas Gerais. O Museu Mariano Procópio é também considerado o segundo maior acervo do Brasil no que diz respeito ao Brasil Império. No entanto, a maioria das pessoas que circula pela área não tem este conhecimento. Esta relação de desinteresse é entendida por Neves (2004) como uma possível relação de ‘desidentidade’ entre o museu e a sociedade da qual ele deveria representar a memória.

O Parque é um projeto paisagístico onde tudo foi recriado, desde o lago, passando pelos caminhos até as ilhotas. É uma área verde recriada dentro de um centro urbano. Sua utilização se dá por meio de caminhadas, passeios, excursões, ou seja, em momentos de lazer. O Parque faz parte do acervo do Museu Mariano Procópio, o que lhe agrega mais valor simbólico e cultural e o torna uma área diferenciada. Esses espaços tornam-se essenciais diante de uma população que desfruta de um lazer alienado, como cita Paulo de Salles Oliveira (2000), que é o lazer vivenciado frente às televisões. Essa forma distinta de lazer nos traz experiências prazerosas, diferentes das que nos deparamos no cotidiano. Além de vivenciá-lo, lança-se um olhar de interesse e curiosidade sobre o ambiente. É o que afirma John Urry ao discutir a importância do turismo em seu livro *O olhar do turista*. Segundo ele:

“(...) os lugares são escolhidos para serem contemplados porque existe uma expectativa, sobretudo através dos devaneios e da fantasia, em relação a prazeres intensos, seja em escala diferente, seja envolvendo sentidos diferentes daqueles com que habitualmente nos deparamos (...). O olhar do turismo é direcionado para aspectos da paisagem do campo e da cidade que os separam da experiência de todos os dias. Tais aspectos são encarados porque, de certo modo, são considerados como algo que se situa fora daquilo que nos é habitual” (URRY, 1996, p.18).

Gisele Maria Schwartz (*Op. Cit.*, p.88) cita vários autores ao discutir os benefícios do lazer praticados em áreas sociais. Dentre esses, são mencionados as melhoras nos aspectos psicológicos, no controle e aprimoramento das sensações ligadas ao *stress* e no aprimoramento da auto-estima e do bem-estar geral.

PARQUE DO MUSEU: TRABALHO DE CAMPO, DESCRIÇÃO ETNOGRÁFICA E OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

O Museu Mariano Procópio está situado na Rua Mariano Procópio s/n, com entrada para veículos pela Rua Dom Pedro II, s/n. O Parque possui uma área de 88.200 metros quadrados, considerada um dos sete pontos de conservação ambiental da cidade. Nessa área encontra-se uma pista de 950 metros, ao redor do lago, para caminhadas.

O museu possui uma localização conveniente e isso contribui para a motivação dos visitantes. Contudo, a cidade não possui boa sinalização para que se chegue até ele. A entrada pela rua Dom Pedro II fica de frente para uma praça, ao lado de uma Igreja Luterana. Essa, a princípio, parece ser uma rua tranqüila, com casas simples. Mas, segundo reportagem publicada pelo jornal *Tribuna de Minas* em vinte e seis de junho de dois mil e cinco, atualmente a situação da rua não é essa. Ao entrevistar seus moradores, o jornal demonstra a indignação dos mesmos. Em seus depoimentos, as pessoas afirmam que proíbem as crianças de ultrapassarem o portão do museu e que o movimento de gente estranha na rua dobrou. Uma das moradoras afirma que da sua casa é possível observar quem entra no Parque para manter encontros homossexuais.

No trabalho de campo, observou-se que é por essa entrada que a maioria dos homossexuais vistos no Parque têm acesso ao local. Eles freqüentam o Parque na parte da tarde e durante a semana e ficam pela mata, não usam a área de caminhada. Segundo a reportagem, o Parque tem sido usado para prostituição masculina e exploração sexual infanto-juvenil. Isso é confirmado por um dos moradores: “Toda hora é esse entra e sai de homens que chegam a combinar o programa ainda na porta” (Morador da região do Museu Mariano Procópio). O mesmo morador termina sua entrevista dizendo: “A rua Dom Pedro II deveria ser uma das mais bem cuidadas da cidade, por ser a via de acesso ao museu. No entanto, aqui não tem sequer policiamento”. Além da entrada pela rua Dom Pedro II existem também duas entradas pela Rua Mariano Procópio no bairro Mariano Procópio. Uma é central, conduzindo ao lago do Parque. A outra é um pequeno portão e só fica aberto das seis às oito da manhã.

Ao entrar pelo portão central da Rua Mariano Procópio avista-se o lago. Nessa entrada, encontram-se as seguintes placas: “Proibido entrada de bicicletas: andando e empurrando”; “Proibido transitar cães”; “Proibido transitar de bicicleta” e uma última indicando o horário de visitaçao ao Parque e ao museu e, ainda, um mapa do caminho existente no Parque. À direita, nota-se um jardim que foi reconstruído pela Prefeitura. No jardim, lêem-se placas do tipo

“Ame a Natureza. Preserve nosso jardim”. Existe também no local um mini-zoológico com placas avisando para não alimentar os animais e observá-los sem incomodar.

Ao seguir o caminho em direção ao outro lado do Parque existe um monumento, de frente para uma escada que fica de encontro ao lago, onde antigamente tinha-se acesso aos pedalinhos. O monumento possui a imagem de um escravo com as mãos acorrentadas e estas arrebitadas, representando a abolição da escravidão. Abaixo da imagem aparece a data da abolição: 13 de maio de 1888. E logo acima, a imagem da Princesa Isabel e uma placa onde se pode ler “À Princesa Isabel o Povo de Juiz de Fora” A assinatura da obra é de H. Cozzo. Logo atrás deste monumento há pedras em formato de uma pequena gruta onde freqüentemente podemos encontrar terços, pequenas cruces e orações. Logo acima, pendurada em uma das árvores da pequena mata, outra placa “Obrigado por deixar a vegetação crescer nas encostas”. Do outro lado encontra-se um parque infantil, uma cantina (que encontra-se fechada) e dois banheiros em péssimas condições. Dentre os brinquedos existentes, das duas balanças que pareciam existir só há uma e está enferrujada. O Parque possui um lago central com cinco ilhotas, uma maior, no centro, e quatro menores no entorno desta. As ilhotas são habitadas por macacos-prego, por patos e pássaros de várias espécies. Estes são alimentados pelos funcionários que utilizam-se de uma pequena canoa para chegar até as ilhas. Eles também fazem a limpeza do lago.

Durante o percurso ao redor do lago, observam-se placas que demonstram cuidados com a rica vegetação do Parque. São placas com dizeres do tipo: “A natureza é amiga. Proteja-a. Não apanhe flores”, “Deixe a vegetação crescer nas encostas, ande somente pelos caminhos” e “Vamos evitar erosão. Não caminhe pelas encostas do parque”. É importante notar que as pessoas que caminham pela manhã respeitam essas placas, o que mostra uma conscientização por parte delas da importância dessas áreas verdes. Um fator que contribui para que esses usuários respeitem as placas é a conscientização formada pela organização do espaço, que procura mostrar as possibilidades de utilização do Parque sem que o lazer apresente um caráter destrutivo. Contudo, nem tudo parece ser livre de tensões e contradições, como sugerem as placas. Segundo a bióloga responsável pelos animais em cativeiros, que contribui na organização dos jardins, esses limites não são respeitados por todos. Várias pessoas caminham pelas encostas provocando muita erosão, principalmente na parte alta do Parque. Pelo caminho, podemos observar mais provas desse desrespeito, tais como vários escritos e assinaturas de pessoas que passaram por ali e deixaram suas marcas nas árvores, como “LÚCIO 9/8/99”. Observou-se que os postes que iluminam o Parque são de ferro e estão enferrujados, a maioria não possui lâmpadas.

Quanto à segurança, existe um guarda que é responsável pela vigília cinco vezes por semana, este não foi visto em nenhum momento da pesquisa. Apesar da existência do guarda, o Parque não é um ambiente totalmente seguro. Por ser aberto ao público, não existe um controle de quem entra e com o

que entra no Parque. A segurança é mais precária na parte da tarde, quando o público que visita o espaço é menor. Segundo uma das entrevistadas já houve roubos dentro da área do Parque. O Parque possui uma boa sinalização para todos os seus atrativos, apesar de existirem certas falhas e a infra-estrutura para o lazer não estar em boas condições. Existe uma placa indicando um orquidário, mas este não existe mais. O Parque abrange uma grande área verde que, se fosse mais bem explorada, e se tivesse uma melhor infra-estrutura, atenderia melhor o público em busca de lazer.

A maioria das pessoas que frequenta o Parque vai para caminhar, passear e relaxar. É interessante comentar que, das pessoas que se encontravam no parque, uma quantidade mínima estava indo visitar o museu e mal conheciam toda a história e riqueza que envolve o Parque. Das oito pessoas entrevistadas, apenas uma conhecia o museu. O motivo principal que leva essas pessoas a frequentar o Parque é a necessidade de relaxar e descansar, o contato com a natureza e a tranquilidade que falta às pessoas que vivem nos centros urbanos. Pode-se observar que das pessoas que vão ao museu durante a semana, a maioria é de adultos e idosos. As excursões também ampliam o público durante a semana. Estas excursões são de grande importância porque contribuem para educação de crianças e adolescentes que, em atividades extra-escolares, conhecem um pouco de história e têm um contato com uma cultura diferente, no caso, a européia. Elas contribuem também para uma educação ambiental, na medida em que os educadores mostram a importância de se ter e de se preservar uma área verde. Essa é uma maneira de se maximizar o potencial do Parque, seguindo as relações de “identidade” espacial e social, ou seja, potencializando o espaço pelo conhecimento.

Nos finais de semana, a maior parte dos visitantes é de crianças. Elas brincam no parque infantil, caminham pelo Parque e se encantam com os animais. Aos domingos o movimento aumenta. É uma rotina totalmente diferente da observada durante a semana quando não existem muitas pessoas caminhando. O Parque é um ambiente onde transitam pessoas com opiniões e objetivos diferentes mas que, em uma primeira observação, parecem ser apenas pessoas que chegam ali, fazem sua caminhada ou visita e voltam para suas casas, sem terem vivenciado nenhuma experiência mais intensa. Sem uma observação mais aprofundada e um contato maior não perceber-se-ia que cada uma delas tem seu motivo para estar ali, desde a criança que vai só para observar os bichos e parece fazer novas descobertas até as pessoas que caminham durante a semana buscando um bem-estar, cada uma leva para si uma vivência. Cada uma enxerga esse contato de uma maneira diferente.

A pesquisa realizada com este público aborda a cultura como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis, cultura esta, entendida por Geertz não como um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos, mas como um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligí-

vel – isto é, “descritos com densidade” (GEERTZ, 1978, p.24). Por meio das entrevistas e da observação participante buscou-se entender a relação que as pessoas entrevistadas mantêm com o Parque. A observação é, segundo John Beattie (1978), necessária, de modo a entender o que as pessoas estão fazendo, para identificar as instituições sociais mais importantes e investigar o inter-relacionamento causal entre elas. Já as entrevistas surgiram na busca de respostas à questão de qual o significado do referido espaço para seus usuários. John Beattie afirma em seu livro “Introdução à Antropologia Social” que “O trabalho de campo é sempre uma tentativa de responder perguntas (1978, p.95.) Ainda segundo o autor, “Freqüentemente usam entrevistas e questionários familiares, não como substitutos da investigação qualitativa, intensiva, que ainda é básica nos estudos de outras culturas, mas, antes para fornecer evidência às suas afirmações” (Id.,1978 p.102).

As entrevistas e a observação irão compor os dados da pesquisa, dados estes caracterizados por Geertz como “nossa própria construção das construções de outras pessoas, do que elas e seus compatriotas se propõem”. (1978, p.19). Já a análise, segundo o autor, consiste em escolher entre as estruturas de significação, ou códigos estabelecidos, e determinar sua base social e sua importância. A pesquisa foi feita com oito pessoas que estavam passeando pelo Parque. As palavras e expressões mais citadas irão expressar, neste trabalho, categorias. Categorias chamadas por Gilberto Velho de unidades mínimas ideológicas que “não têm significado em si, mas só à medida que se opõem a outras categorias é que podemos situá-las” (VELHO, 1973, p.67).

QUADRO 1 - UNIDADES MÍNIMAS IDEOLÓGICAS

Unidades mínimas Ideológicas	Característica	Frase típica
“hábito/dia-a-dia”	Refere-se à freqüência com que as pessoas freqüentam o Parque	“Caminhar vira hábito”
“tranqüilidade/bem-estar”	Caracteriza o ambiente, diz respeito à sensação que o Parque transmite às pessoas	“O lugar transmite tranqüilidade e bem-estar”
“parar/interrupção”	A categoria “parando” surge em oposição a continuidade que o espaço permite às pessoas que realizam sua caminhada	“Você tem que ficar parando”
“lazer”	Caracteriza uma função do espaço público do Parque	“Buscam aqui como forma de lazer”
“retorno”	Refere-se a temporalidade com que as pessoas vão ao Parque	“Fazia muito tempo que eu não vinha aqui”

Fonte: dados da pesquisa, 2006

A primeira categoria “hábito” foi citada quatro vezes e mostra a regularidade com que as pessoas que caminham vêm ao Parque. Quatro pessoas entrevistadas vão ao Parque regularmente de segunda à sexta-feira. Duas para caminhar, uma para passear com sua neta e a outra, a bióloga, para realizar seu trabalho. Esse hábito, quase que uma repetição, aparece em oposição às pessoas que não saem de casa, que recuam para dentro de si gerando um empobrecimento de contatos humanos. Surge em oposição também às pessoas que não caminham, que não se preocupam muito com a busca da saúde, da boa-forma, do bem-estar. São as chamadas pessoas sedentárias que atualmente somam um número significativo em nossa sociedade. Podemos caracterizar também esse “hábito” utilizando-se da conceituação de Graburn (1989) para os chamados “deslocamentos”. Segundo ele: (...) “os ‘deslocamentos’ são práticas ritualizadas de ocupação do tempo livre que visam ao ‘prazer’ e são traduzidos em discursos potencialmente capazes de suscitar a imagem de busca de um ideal” (GRABURN *Apud* NERY, 2001, p. 112).

Já a categoria “tranqüilidade/bem-estar” foi citada três vezes. “É mais tranqüilo”, “O lugar transmite tranqüilidade, bem-estar” e “É tranqüilo”. Esta categoria ganha significado quando você olha para a cidade lá fora do espaço do Parque e observa toda uma movimentação, todo agito característico dos centros, ou até mesmo ao corre-corre no dia-dia dessas pessoas que vão ali em busca de alguns minutos de paz e tranqüilidade. Tranqüilidade esta que pode ser melhor entendida utilizando-se da citação de Krippendorf: “As cidades não se preocupam muito com o lazer nem com as necessidades de relaxamento de seus habitantes. A maioria são cidades de trabalho incompatíveis com uma vida plena” (KRIPPENDORF, 2003, p.37).

As expressões “Você tem que ficar parando” e “Quebra a caminhada” dizem respeito à caminhada na Avenida Brasil (uma das mais movimentadas de Juiz de Fora), onde para-se todo instante por causa do fluxo de carros e dos sinais de trânsito. O Parque do museu possui um caminho ao redor do lago que permite a essas pessoas a continuidade na realização de suas caminhadas. Elas não precisam ficar parando, não existe obstáculo em seu percurso.

Quando o Parque é citado por cinco vezes como espaço de “lazer” podemos perceber que esse lazer, quando praticado nos finais de semana, é mais direcionado para uma camada mais pobre da cidade, que mora em bairros sem estrutura, não havendo opção para crianças e adolescentes. Isto faz com que estas pessoas, principalmente dos bairros mais próximos e da zona norte, busquem o Parque do museu como forma de lazer. A entrevistada C, quando perguntada sobre o público que frequenta o Parque, menciona o público do museu nos fins de semana: “já nos finais de semana o público que vem ao museu é um público mais pobre que procura o lazer aqui”. Paulo Roberto Albieri Nery ao fazer um estudo etnográfico sobre a prática do lazer por classes populares denomina os momentos de lazer dessa camada da população como “momento raros”. Segundo Nery:

(...) a 'folga' é identificada como um daqueles 'momentos raros' no contexto da vida das classes populares, não apenas no sentido quantitativo, mas porque a eles se atribui um significado particularmente especial, por se tratar de um 'acontecimento'. Os períodos de 'folga' são entendidos como uma saída do universo tenso, pesado, comprometedor da vida cotidiana, do 'mundo do trabalho' (NERY, 2001, p. 113).

Já durante a semana observamos pessoas de diferentes partes da cidade correndo, caminhando ou passeando. Uma das entrevistadas, que mora no centro, diz gostar de ir sempre ao Parque trazer sua neta para passear. Ela vem de carro e apesar de dizer que o Parque está mau cuidado, desleixado e deixando a desejar em infra-estrutura, vê o museu como uma opção de lazer na cidade. Segundo a entrevistada E, “o museu é um pedacinho do paraíso; eu amo a natureza. Sempre que posso tô aqui. Se pudesse morava num ambiente deste. Me sinto muito bem aqui. Esse lugar passa uma paz. Quando venho aqui me sinto bem disposta o resto do dia”.

A entrevistada C descreve o Parque com suas várias funções. Segundo ela o Parque deve ser visto como uma área verde no centro da cidade que influencia diretamente no clima, como um local de preservação de espécies raras de plantas e como uma ilha verde que abriga mais de sessenta espécies de aves soltas por todo Parque, e por outro lado, como um espaço de lazer para a população. As expressões “fazia muito tempo que não vinha aqui” e “tinha muito tempo que não vinha no museu” aparecem em oposição à categoria “hábito” que demonstra uma regularidade da visita ao museu. Essas pessoas afirmaram só ir ao Parque nos finais de semana levar os filhos para passear. São donas de casa que durante a semana precisam cuidar da família. Além das entrevistas e da observação buscou-se entender o que as pessoas pensavam e comparar com o que as entrevistas mostravam pois, como afirmou John Beattie, nem sempre são coerentes. O que as pessoas pensam e a maneira como agem nem sempre correspondem ao que dizem quando são indagadas. Segundo o autor “(...) não há nenhum substituto para o contato longo e pessoal sobre o qual qualquer entendimento compreensível da comunidade e sua vida social e cultural deve estar baseado” (Op. Cit., p.107).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O lazer tornou-se um fenômeno de extrema importância para toda a sociedade. É uma consequência e, ao mesmo tempo, um componente do sistema social industrial. A valorização que tem recebido na atualidade tem despertado, além da expectativa de vivência em um espaço mais próximo da natureza, o interesse de estudiosos pelo fenômeno do lazer em si e suas consequências nas vidas das pessoas.

Como podemos observar na teoria apresentada, os espaços de lazer tendem a se multiplicar e a fazer cada vez mais parte da vida das pessoas. O lazer vivenciado nesses espaços reflete-se em uma gama de fatores positivos na vida

das pessoas, tornando-as mais dispostas, com bem-estar, melhor forma física e com relacionamentos mais sólidos tanto com os outros como consigo mesmas. Exemplo desses espaços, o Parque do Museu Mariano Procópio possui fatores característicos em seu ambiente, como o sentimento que une as pessoas aos lugares, tornando-os especiais. Algumas pessoas entrevistadas criaram um vínculo com o Parque que o torna especial em suas vidas, são lembranças da infância ou, até mesmo, fatos ocorridos no dia-a-dia.

A natureza da experiência é outro fator, experiência esta que torna o lazer vivenciado no Parque pleno de simbologia, fazendo com que as pessoas passem a ter vivência com o lugar, passem a ocupá-lo, reconstruindo sua imagem. O Parque do Museu Mariano Procópio é um espaço bastante freqüentado, principalmente pela sua beleza natural, para prática de esportes e pela tranqüilidade que proporciona às pessoas, permitindo momentos de lazer a crianças, adultos e idosos. Muitas pessoas afirmam ser esse espaço uma das únicas áreas disponíveis em Juiz de Fora longe do barulho, da poluição e do agito urbano – um lugar agradável em que se pode relaxar. Foi possível notar que não é o museu o que mais atrai as pessoas, mas a área verde que possibilita caminhadas, leituras e diversão para as crianças.

86

Dumazedier (1973) afirma que o espaço de lazer é diferente dos outros – os da família, da escola, do trabalho, da igreja etc. É um espaço vivencial, onde o objetivo precípua é o viver pelo viver, é ter oportunidade de ocupar o tempo livre para exprimir as necessidades individuais, físicas, sociais, artísticas, etc. É o que mostra a pesquisa feita no Parque. As pessoas usam esse espaço para buscar tranqüilidade, boa-forma, saúde, relaxamento, distração, ou seja, exprimem suas necessidades individuais, físicas e sociais. Ao se estudar esse espaço foi preciso levar em consideração características que motivam as pessoas a se deslocarem até o Parque. Dentre essas características estão a localização, o estímulo sensitivo, a beleza e a tranqüilidade que ele proporciona às pessoas, fatores determinante para que essas pessoas o freqüentem. A ambiência social, cultural e natural construída no lugar é outra característica. Ficou melhor? Ou seja, os visitantes se sentem motivados pelo produto turístico, pelo seu uso, pela possibilidade e diversidade de utilização, mesmo com sua infra-estrutura não estando em condições muito favoráveis à fruição do lazer.

Destaca-se, ainda, que, a partir do momento que os atores urbanos – aqui envolvendo investidores, visitantes e comunidade local – passarem a se envolver mais ativamente e interferir no Parque, visando um ambiente favorável à prática do lazer, melhorar-se-ia a imagem que o Parque transmite como espaço público e como atrativo turístico. É o que afirma o diretor do museu, Francisco Antônio de Mello Reis, quando perguntado por uma repórter do jornal *Tribuna de Minas*, sobre a sua situação. Segundo ele, a sociedade civil tem que ter um maior nível de convivência organizada para que determinados casos, como a prostituição masculina, não aconteçam num espaço público.

Em relação à segurança, observou-se que a grande maioria das pessoas que frequenta o Parque se restringe à pista de caminhada e ao parque infantil, não subindo para a área da mata, onde o museu se localiza. Foi exatamente essa área que o referido jornal pesquisou e onde constatou a prostituição masculina. Segundo essa reportagem “o comércio de sexo deturpa a função histórico-social de um dos símbolos culturais de Minas” (*Tribuna de Minas*, 26/06/05, p.03). O diretor do museu afirma, ainda, que para se reverter o quadro atual torna-se necessário a implantação de um projeto que transforme a área em um parque com entrada controlada e de investimento em infra-estrutura.

Para tornar-se um espaço público de lazer de estimada qualidade, o Parque deveria não só passar por essa reestruturação física, como também estimular uma reeducação da população, voltada para uma consciência territorial. Ou seja, o fomento do senso de pertencimento ao lugar, convergindo para uma maior sociabilidade, ditando práticas espaciais que potencializem sua utilização e modelando projetos de vida individuais e coletivas. Entretanto é interessante destacar alguns elementos que contribuem para potencializar a ambiência do Parque, tais como a continuidade e a lisibilidade do lugar. Ou seja, o Parque é um espaço valorizado e lido de uma forma toda própria pelos diferentes grupos sociais que ali tecem suas representações atribuindo distintos significados ao estar junto com outros no parque. O Parque do Museu Mariano Procópio é um espaço para o lazer ativo e contemplativo, pois ao mesmo tempo em que as pessoas têm o privilégio de praticar suas atividades de recreação, podem contemplar uma grande área verde situada no centro de Juiz de Fora.

Notas

¹ Mariano Procópio Ferreira Lage, que dá nome ao museu, nasceu em 1821 na cidade de Barbacena e foi um dos pioneiros da cidade de Juiz de Fora. Construiu a estrada União Indústria que ligava Juiz de Fora ao Rio de Janeiro e tem seu nome ligado a vários outros marcos históricos da cidade. O prédio do Museu Mariano Procópio foi inaugurado em 23 de junho de 1861, nesta época ainda era a ‘vila’ de Mariano Procópio Ferreira Lage. A ‘vila’ foi criada para servir de residência campestre de seu proprietário, mas também seria usada para abrigar a Família Imperial em sua passagem por Juiz de Fora para a inauguração da Estrada União Indústria. Foi projetada pelo engenheiro alemão Carlos Augusto Gambs e os jardins que a circundam pelo francês Auguste Marie Francisque Glaziou. O prédio pertenceu à família Ferreira Lage e por obra de Alfredo Ferreira Lage, que o herdou após a morte de seu pai, se começou a constituir o que hoje é o acervo do museu.

Referências bibliográficas

ARBEX, Daniela. Prostituição masculina no Parque do Museu. *Tribuna de Minas*, Juiz de Fora, 26 jun. 2005, p. 3.

BEATTIE, John. Trabalho de Campo. In: Introdução à Antropologia Social. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1978. p. 94-108.

BRUHNS, Heloisa Turini (org.). Temas sobre Lazer. Campinas: Editora Autores Associados, 2000.

COHEN, Èrick. S.d.

DUMAZEDIER, Joffre. Lazer e Cultura Popular. São Paulo: Editora Perspectiva S.A. 1973.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1978.

GUTIERREZ, Gustavo Luis. Lazer, Exclusão Social e Militância Política. In: BRUHNS, Heloisa Turini (Org.) Temas sobre Lazer. Campinas: Autores Associados, 2000. 155 p.

GUTIERREZ, Gustavo Luis. Lazer e Prazer. Questões metodológicas e alternativas políticas. São Paulo: Editora Autores Associados. 2001. p.5-32.

KRIPPENDORF, Jost. Sociologia do Turismo: Para uma nova compreensão do lazer e das Viagens. 3 ed. São Paulo: Editora Aleph, 2003.

MOESCH, Marutschuka. A produção do saber turístico. 2 edição. São Paulo: Editora Contexto, 2002.

NERY, Paulo Roberto Albieri. O passeio à prainha: Estudo antropológico do consumo do prazer nas classes populares. Revista de Ciências Humanas da UFV, Viçosa, v.1, n.2, p.111-115, julho. 2001.

NEVES, Sandro Campos. Turismo, Memória e Identidade Cultural: O caso do Museu Mariano Procópio e da sociedade Juizforana. 2004. 81 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Turismo da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2004.

PARQUE DO MUSEU MARIANO PROCÓPIO. Disponível em <:http://www.jfsservice.com.br/arquivo/agenda/dicas/1999/03/12_Parque_do_Museu_Mariano_Procópio>. Acesso em 17 jun. 2004].

PARQUE. Disponível em: <http://www.pjf.mg.gov.br/mmp.htm.> Acesso em 18 jun. 2004.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. In: BRUHNS, Heloisa Turini. (Org.) Temas

sobre Lazer. Campinas: Autores Associados, 2000. 155 p.

PEREIRA, Alessandro Eugenio. Trabalho, Tempo Livre e Lazer na Sociedade Contemporânea. 2003. 19 f.

SCHWARTZ, Gisele Maria. Homo Expressivus: As dimensões estética e lúdica e as interfaces do lazer. In: BRUHNS, Heloisa Turini. (Org.) Temas sobre lazer. Campinas: Autores Associados, 2000. 155p.

TRIBUNA DE MINAS. Historia do Museu Mariano Procópio. Disponível em <<http://www.tribunademinas.com.br/museu/tp10.htm>>. Acesso em 17 jun. 2004.

URRY, John. O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. 3 ed. São Paulo: Studio Nobel. 1996.

VELHO, Gilberto. A utopia urbana. Um estudo de antropologia social. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1973.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Edson de Oliveira Nunes (Org.). Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p.36-46.